

## O ROMANCE DE JORGE AMADO: CRÔNICAS DAS TERRAS DO SEM FIM

*Áurea Maria Bezerra Machado\**  
*Vera Lúcia Teixeira Kaus\*\**

### RESUMO:

O presente artigo pretende ser uma análise de alguns romances de Jorge Amado, que, enquanto crônicas de uma época, das gentes e dos costumes de uma Bahia em transformação, compuseram uma relevante fase da obra desse escritor, conhecida como “O Ciclo do Cacau”. Assim, títulos como *Cacau*, *Terras do Sem Fim*, *São Jorge de Ilhéus*, *Gabriela*, *Cravo e Canela* e *Tocaiá Grande: a face obscura* nos transportam com poesia, sangue e sedução pela história e pela geografia do Sul da Bahia, pela vida agitada da Cidade litorânea de Ilhéus e suas redondezas, durante as primeiras décadas do Século XX, quando, ali, se desenvolvia a atividade econômica e efervescente dos frutos cor de ouro, em meio à cobiça e ao poderio dos coronéis e seus jagunços, à luta pela posse e exploração da terra e do próprio homem, através de tocaias e histórias de submissão, amor, luta e crença na dignidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bahia; Cacau; Crônicas; Povo; Terra.

### Introdução

“É um cronista admirável, um escritor verdadeiramente democrático. Ele fez literatura do povo, pelo povo e — especialmente — para o povo.”

(Domingos Carvalho da Silva)

Elaborado no momento em que a Comunidade Literária Mundial comemora os 100 anos de nascimento do escritor Jorge Amado, este trabalho configura-se como um estudo analítico das suas obras que formaram a parte conhecida como “O Ciclo do Ca-

---

\* Universidade do Grande Rio Prof. José de Souza Herdy (Unigranrio).

\*\* Doutora em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora de Literatura Comparada na UNIGRANRIO.

cau”, mas que ficaram na história da literatura nacional como registros da efervescente vida de uma cidade do interior da Bahia, Ilhéus, e de suas localidades vizinhas, como crônicas fiéis do cotidiano das lutas pela conquista de um território, das gentes e dos costumes, eternizados pela fala coloquial, impregnada de poesia. Alguns deles, como *Cacau* (1933) e *Terras do Sem Fim* (1943) estão entre os primeiros romances do escritor e são também citados entre os mais importantes escritos produzidos pela conhecida “Geração de 30”, da qual fizeram parte, entre outros escritores, José Américo de Almeida, Raquel de Queirós, José Lins do Rêgo e Graciliano Ramos, que produziram e retrataram um Brasil de cores claras e denunciadoras de uma realidade até pouco conhecida.

Talvez se possa dizer que os romancistas da Geração de trinta, de certo modo, inauguraram o romance brasileiro, porque tentaram resolver a grande contradição que caracteriza a nossa cultura, a saber, a oposição entre as estruturas civilizadas do litoral e as camadas humanas que povoam o interior — entendendo-se por litoral e interior menos as regiões geograficamente correspondentes do que os tipos de existência, os padrões de cultura comumente subentendidos em tais designações. (CÂNDIDO, 1961, p. 168)

Com títulos traduzidos para 49 idiomas e editados em 55 países, Jorge Amado foi, ainda muito jovem, o cronista de uma época e de uma região, sem um “compromisso” com o registro formal culto. Na tessitura narrativa, incorporou com naturalidade à linguagem escrita, termos e expressões típicas da linguagem oral da Bahia. Jorge Amado será sempre um símbolo do Brasil, ao representar o local, que é também universal e atemporal: “Nós vai levar muito tempo sem comer beiju, sem torrar farinha. A mandioca se acabou, os roçados o rio levou. Nós perdeu tudo o que tinha” (AMADO, 1984, p. 370).

O “Ciclo do cacau” compreende quase meio século de escrita sobre o tema: a exploração do cacau e a sociedade ligada a essa cultura, registrando a geografia espacial e a humana que compõem o cenário e os atores das tramas, das tramoias e das histórias de amor, sedução, cobiça e violência nas terras do sem-fim, formando enredos, onde a Bahia é o cenário e a Bahia é também a protagonista.

Essa fase literária de Jorge Amado inicia-se com o seu segundo romance *Cacau*, em 1933. A seguir vêm *Terras do Sem Fim* e *São Jorge de Ilhéus*, como narrativas das relações sociais no universo cacauero, retratando os trabalhadores braçais, seus dramas pessoais e familiares e os donos da terra, os coronéis (criadores de um universo próprio e paralelo de poder institucionalizado), com suas esposas e amantes, e as meretrizes, das casas de mulher-dama. Todos os conflitos, inclusive as tocaias, que estão sempre presentes nesses textos, nos são apresentados pelo prisma épico e histórico. Após o hiato de mais de uma década, Jorge Amado retornaria ao Sul da Bahia e ao tema do cacau, com a história cheia de cores, cheiros e sabores da mulata Gabriela e, em 1982, “de déu em déu”, principiar a escrever sua *Tocaia Grande*. São essas narrativas relevantes crônicas históricas de um povo simples e rude, registradas na língua em que esse povo fala e entende, e luta pela sobrevivência, mas também pela alegria, narradas com a preocupação pelos rumos das relações humanas na sociedade brasileira de sua época. Segundo o autor, “Foi a amizade com os trabalhadores do cacau que me despertou a consciência do social” (AMADO, 1981, p. 6).

## O início

Jorge Amado nasceu em 10/08/1912, em Ferradas, distrito de Itabuna. Seu pai, João Amado de Faria, era um comerciante sergipano, que migrou com a família para o Sul da Bahia, região do cacau, onde se tornou proprietário de terras e fundou a Fazenda Auricídia. Quando tinha dez meses de idade, o “menino grapiúna”, como era chamado Jorge, presenciou o pai sendo ferido durante uma tocaia, episódio que, juntamente com outros, influenciaria o autor em sua juventude, marcada pelo engajamento político, denotado em suas narrativas, que apresentam dados de cunho biográfico, combinados à crítica social e que retratam a época e o lugar dessa fase de sua vida.

Antes de registrar com suas palavras aquele pedaço do país marcado pela luta sangrenta pela conquista de terras e poder, Jorge Amado faria a sua estreia na Literatura, partindo ainda de uma visão geral de sua pátria, o Brasil. O seu primeiro romance, *O país do carnaval*, publicado em 1931, quando tinha apenas dezenove anos de idade, configurar-se-

ia como crônicas de um jovem brasileiro que retratava, pelas letras, um país em busca de sua identidade, onde se prenunciava uma revolução eminente na política e no social, naquele início da década.

O romance, apresentando uma tipificação social (característica dos romances de 30), tem como protagonista Paulo Rigger, filho de um rico cacauicultor que, após concluir os seus estudos na França, finalmente regressa ao Brasil, um país que, apesar de seu, já não conhece ou reconhece. Passa então, a tentar entender “essa terra”, onde já não se sente em casa. O livro é, assim, a busca da personagem pela compreensão desse Brasil, no intuito de desvendá-lo e também a si mesmo, enquanto procura o sentido da vida e da felicidade: “[...]Sentia-se um estranho na sua Pátria. Achava tudo diferente[...] Se aquilo acontecia no Rio, que seria na Bahia, para onde iria residir, em companhia da sua velha mãe? [...] Poderia, conseguiria viver?” (AMADO, 1966, p. 23).

Chegando de Paris, após formar-se em Direito, Paulo Rigger desembarca no Rio de Janeiro, em pleno sábado de carnaval, quando se tem a impressão de que a alegria e a felicidade pairam no ar. E a primeira impressão que ele tem é exatamente de que ali tudo está perfeito e a contento, de que o Brasil é realmente “o País do carnaval”, fala que repetirá durante boa parte da trama. Há tanto tempo ausente e alheio a tudo, realmente crê que aqui, tudo acaba em festa. Só que, na verdade, o Brasil está passando por sérias transformações políticas e econômicas, tentando superar o seu atraso oligárquico e ingressar na Era industrial e urbana. Ainda muito jovem, como o seu protagonista, Jorge Amado sugere sutilmente uma revolução que está por vir. Durante toda a história, expondo os dramas e conflitos interiores de Paulo Rigger, do ateu e cético Pedro Ticiano, da francesa Julie e de tantas outras personagens marcantes, que buscam a realização no amor, no dinheiro, na vida política, na religião e na vida burguesa, o escritor capta e relata as dúvidas e as angústias de um Brasil que vive a turbulenta Revolução de 1930.

Vindo a Ilhéus em férias e ficando impressionado com a vida dos trabalhadores rurais, Jorge Amado escreveria o seu segundo romance, *Cavan*, publicado em 1933, que marcaria também a inauguração da sua série de panoramas sobre a vida na região cacauí-

ra das “terras do sem fim”, o mundo das plantações de cacau no Sul da Bahia, do qual fazem parte a Cidade de Ilhéus e arredores:

Eu comecei a falar em Ilhéus, terra do cacau e do dinheiro, para onde iam levas e levas de imigrantes. E como Ilhéus ficava apenas a dois dias de navio de Aracaju, elas consentiram que eu me jogasse numa manhã maravilhosa de luz, na terceira classe do “Murtinho”, rumo à terra do cacau, eldorado em que os operários falavam como da terra de Canaã. (AMADO, 1966, p. 143)

Inaugurava-se o “Ciclo do Cacau” na literatura e na economia nacional, quando o Brasil assistia à decadência dos antigos senhores de engenho, que José Lins do Rêgo registrava em seus escritos. Era uma vida nova, numa sociedade nova, onde a economia dos frutos cor de ouro erguiam cidades. “Tentei contar neste livro, com um mínimo de Literatura para um máximo de honestidade, a vida dos trabalhadores das fazendas de cacau do Sul da Bahia. Será um romance proletário?” (AMADO, 1933). Foi o primeiro livro do autor a ser publicado em outro idioma, o espanhol. Nele, a terra, as chuvas, o suor e os homens se fundem em única matéria viva:

As nuvens encheram o céu até que começou a cair uma chuva grossa. Nem uma nesga de azul. O vento sacudia as árvores e os homens seminus tremiam. Pingos de água rolavam das folhas e escorriam pelos homens. Só os burros pareciam não sentir a chuva. Mastigavam o capim que crescia em frente ao armazém. Apesar do temporal, os homens continuavam o trabalho. (AMADO, 1966, p. 133)

As crônicas de uma pequena localidade, Piranji, nos arredores de Ilhéus e da vida na fazenda são realizadas em primeira pessoa. As roças de cacau nos serão apresentadas pelo olhar do proletário José Cordeiro, o sergipano, que, buscando serviço, chega àquela região e emprega-se na fazenda Fraternidade (irônica denominação para um lugar onde os trabalhadores são obrigados a viver numa situação de semiescravidão), propriedade do coronel Manuel Misael de Sousa Teles, conhecido como Mané Frajelo. Através da ótica de um trabalhador agrícola sobre as relações sociais, Jorge Amado mostra a situação desse grupo, a sua exploração pelos coronéis, que lhes pagavam um ordenado miserável, obri-

gando-os ainda a fazer suas compras na mercearia da fazenda, onde os preços eram superinflacionados. O protagonista, desde o início, questiona a exploração do ser humano por outro:

- Está você alugado do coronel?  
Estranhei o termo:
- A gente aluga máquina, burro, tudo, mas gente não.
- Pois nas terras do sul, gente também se aluga.  
O termo me humilhava. *Alugado*... Eu estava reduzido a muito menos que homem... (AMADO: 1933, p. 34-35)

O diálogo entre José Cordeiro e Maria, a filha do coronel, é uma das partes em que a questão da luta de classes fica mais evidente, apesar de ser presença no dia-a-dia dos trabalhadores, durante a narrativa:

- Você não é igual a eles... Como veio parar aqui?
- Nós todos somos iguais. Somos todos explorados.  
[...]
- Você não pensa como Algemiro, em enriquecer?
- Não.
- Por quê?
- Porque não sei explorar trabalhadores. (AMADO: 1966, p. 206)

Sobre o início desse ciclo literário, afirmaria Alves Ribeiro (1961, p. 71), em 1933, em artigo publicado no Diário de Notícias, de Salvador: “Ele nos dá a conhecer também um pedaço inédito do Brasil, inaugurando o ciclo de uma cultura inteiramente nova, que ainda não achara até então, a sua expressão literária, como a da cana-de-açúcar, por exemplo [...] de José Lins do Rêgo no *Menino de engenho*”.

Todo o livro é uma crônica de amor. Amor pelo mundo, pela família, pelo social, pela dignidade e pela justiça, essas últimas, essenciais para a felicidade de todos os homens: “Olhei sem saudades para a casa-grande. O amor pela minha classe, pelos trabalhadores e operários, amor humano e grande...” (AMADO, 1966, p. 236). Jorge Amado, militante comunista, apesar de nunca ter lido Marx, através da vida e das letras, lutou por causas que lhe pareciam justas e registrou com verdade e comprometimento a epopeia de uma época, em narrações que fascinam leitores de todas as idades, níveis sociais e nacionalidades: “Li o *Cacau* pela primeira vez no começo da adolescência. Foi por seu interné-

dio que descobri então poder a Literatura ser mais que veículo de entretenimento, uma via privilegiada de descoberta do mundo. No caso especificamente, da realidade brasileira” (PAES, 1997).

### **As terras do sem fim...**

O segundo romance do Ciclo do cacau será *Terras do Sem Fim*, publicado em 1943, uma crônica mais amadurecida e complexa das terras onde cresciam as árvores dos frutos cor de ouro, as localidades de Ilhéus, Ferradas (que mudaria mais tarde o nome para Itabuna) e Taboca. A obra retrata os laços sociais da região, através da memória de infância do autor e expõe a violência e a exploração da terra e do ser humano, que marcaram aquele período da história sócio-política de uma parte do Brasil. Relata a existência sofrida daqueles que plantam, colhem e tratam os frutos, mas que não participam do quinhão capitalista do lucro, retratando ainda os imponentes coronéis, que usam a força e a truculência para conquistar as terras de São Jorge de Ilhéus e vilarejos adjacentes. Continuando a registrar a geografia e os costumes da região, que nos são apresentados através da visão crítica de um olhar a favor da justiça e da igualdade entre os homens, Jorge Amado dessa vez nos apresenta não só a luta pela posse das terras e a manutenção do poder, mas também os primeiros sinais do grande desenvolvimento trazido pela exploração econômica do cacau para aquela região litorânea. No Rio de Janeiro, iniciando-se o ano de 1944, Gilberto Freire (1961, p. 189) comentaria, em “O Jornal”, sobre a importância literária da estreia do livro, que se dera no ano anterior: “Em *Terras do Sem Fim*, Jorge Amado nos põe em contato com um grande drama brasileiro, americano e não apenas baiano: o da conquista de terras. O cacau dá a esse drama sabor local sem comprometer-lhe a universalidade de sentido”.

Atraídos pelas histórias de terras férteis e promessas de riqueza, levas de aventureiros e dos mais distintos tipos humanos chegam às terras do sem fim, oriundos de Salvador e de outras cidades do interior, como, por exemplo, o lavrador Antônio Vítor (que sonhava com a própria roça de cacau), João Magalhães, o falso engenheiro e trapaceiro jogador de cartas e a prostituta Margot, amante do ambicioso advogado Virgílio. Suas

histórias se cruzarão com o conflito entre grandes latifundiários: O coronel Horácio da Silveira e a Família Badaró (Sinhô e Juca) pela posse de umas terras que ficavam entre suas duas propriedades: as matas do Sequeiro Grande, propícia para o plantio do cacau, que valiam mais do que o ouro. “É a floresta do Sequeiro Grande é, por assim dizer, o personagem real do livro. É ela que joga os homens uns contra os outros; é ela que, adubada do seu sangue, se abre na florada do cacau” (CÂNDIDO, 1961, p. 173).

São cerca de 190 personagens vivendo situações de conflitos íntimos e de luta pelo poder material: os ambiciosos e poderosos coronéis, os capangas e capatazes, o advogado corrupto, a prostituta, o padre pedinte, o tropeiro, os trabalhadores braçais e explorados ao extremo, o jogador do cabaré. Essas personagens se dividem em dois grupos, cada um pertencente aos interesses de um dos coronéis.

Jorge Amado nos conta, rememorando sua infância, dos amores, das tocaias no mato, os cercos à casa grande, a nomeação de um bispo para Ilhéus, do desmembramento daquele município e do surgimento de Itabuna, cidade em crescente desenvolvimento. Da ganância que povoa e estimula os sonhos daqueles homens rudes e dos perigos de suas empreitadas, numa região ainda em grande parte virgem, de mata cerrada, cheia de cobras venenosas, varíola, assombrações, sofrendo enchentes avassaladoras, onde se impõe o poder pelos tiros e por derramamento de sangue, realidade vivida pelo escritor e sua família, ainda na infância:

Nós saímos em janeiro de 14, por causa da grande enchente do rio Cachoeira, que acabou com todas as plantações, inclusive a fazenda de meu pai. A enchente trouxe como consequência a epidemia, uma epidemia terrível de varíola e nós tivemos que fugir. (AMADO, 1981, p. 6)

### ***São Jorge de Ilhéus***

O terceiro livro dessa fase, *São Jorge de Ilhéus*, publicado em 1944, começou a ser esboçado em Montevideu dois anos antes, onde Jorge Amado se encontrava exilado devido a perseguições políticas por conta da sua militância comunista. É a continuação da saga da região cacauceira e de seus coronéis, desenvolvida nas *Terras do Sem Fim*. Esses dois

livros trazem um painel das lutas e conquistas territoriais e econômicas daquele tempo e espaço. É mais uma vez a crônica daquela região. “A febre do cacau, a sede de dinheiro que gera o poder, as ruas compridas onde as prostitutas, nas janelas, entoam as cantigas de oferecimento de sua mercadoria, os fornos de secagem de cacau como maquetes do inferno[...]” (GUIMARÃES, 2006, p. 27).

Enquanto *Terras do Sem Fim*, ambientado no campo, narra a saga dos pioneiros e as guerras sangrentas pela posse da terra, *São Jorge de Ilhéus* tem como cenário principal a Cidade homônima e fala de um momento em que, já em processo de pacificação, a região colhe os frutos da exportação do cacau e se moderniza, servindo de ambiente para os dramas das mais diferentes classes sociais. A Cidade de Ilhéus vive uma espécie de “Idade de ouro”, com uma vida noturna vibrante, atraindo aventureiros de todo o país e até do exterior:

Até no Rio de Janeiro era comentado o rápido progresso da cidade de Ilhéus. Os jornais da capital do Estado tinham arranjado um outro nome para ela: a “Rainha do Sul”[...] Ilhéus se distinguia como uma cidade progressiva e rica. Os 150 mil habitantes do município tinham uma elevada proporção de homens ricos em relação aos demais municípios do interior. A cidade era bonita, cheia de jardins abertos em flores, de boas casas onde residiam as famílias dos coronéis. Toda a parte, junto ao oceano era residencial, cortada de avenidas largas, uma das quais acompanhava uma curva do mar numa imitação da praia de Copacabana, do Rio de Janeiro[...] Do outro lado do rio estava a parte comercial da cidade, que começava a se tornar imponente, com os prédios altos das casas exportadoras, dos bancos, dos grandes hotéis, com os armazéns imensos das docas do porto. (AMADO: 1983, p. 55-56)

No texto desse terceiro romance, retornam Horácio da Silveira e Sinhô Badaró, que contracenam com jovens doutores, trabalhadores rurais e agora também com os tipos urbanos, como operários e comerciantes emergentes. Ilhéus, que naquelas primeiras décadas do Século XX crescera vertiginosamente, é agora conhecida em todo o território nacional como a “Rainha do Sul”, graças à atividade econômica dos frutos cor de ouro,

que enriquecera proprietários de terras, local de sonho e ilusão de tantos outros lavradores e berço de lutas sangrentas e tocaias grandes.

*São Jorge de Ilhéus* registra assim o irremediável desdobramento da cultura cacauceira, pois essa atividade econômica já atingira um patamar de produção industrial e financeiro. Seus capítulos são páginas e páginas de crônicas da vida da Cidade e da região, lembrando os desbravamentos e as disputas de sangue e poder, para chegar até a internacionalização, que transformaria aquela antiga localidade na cidade do dinheiro, das promessas de transações lucrativas, dos acordos escusos e dos cabarés de jogatinas e de mulheres-damas. Com tantas transformações, são inegáveis as mudanças de costumes, com a imposição dos modelos urbanos naquela área com fortes resquícios de ruralidade: “O comércio era intenso, grandes armazéns, grandes lojas, uma multidão de caixeiros viajantes espalhados pelos hotéis caríssimos, vários bancos, o grande prédio do Banco do Brasil, inúmeros agiotas” (AMADO, 1983, p. 61).

A história se passa nos anos 30 do Século XX, quando a política e a economia locais já demonstram alguns traços modernos, como, por exemplo, transações financeiras discutidas por telefonemas e fechadas nos escritórios dos exportadores. Nesse momento, os confrontos de coronéis e jagunços foram substituídos pelo jogo na bolsa de valores e pelas intrigas políticas. As personagens (atores dos dramas e das tramas) são prostitutas, jogadores, exportadores estrangeiros, militantes comunistas, filhos de coronéis transformados em bacharéis ociosos, poetas de fim de semana, artistas de cabaré, etc. No entanto, apesar do inelutável processo de reformulação urbana e social, elementos encontrados nas obras anteriores do “Ciclo do Cacau” ainda convivem com a galopante modernização: a exploração do homem pelo homem, a cobiça e a violência. O cacau é, agora, disputado pelos coronéis e negociantes atravessadores, mas o trabalhador braçal, das roças e das barcaças ainda é lesado durante o processo, em nada alterando a estrutura desproporcional da posse das riquezas:

Sua tarefa era partir, com um pedaço de facão velho, durante doze horas, os cocos de cacau que os homens iam derrubando das árvores. Os meninos e meninas juntavam

os cocos, as mulheres e as moças os partiam. Era perigoso, isso sim. (AMADO, 1983, p. 70)

Essas novecentas arrobas de cacau que esperavam colher nessa safra eram o resultado de vinte e sete anos de trabalho diário [...]. (p. 68)

No texto, mais uma vez, aparece a batalha pela posse da terra e do poder, o drama da agricultura cacauzeira e a passagem das riquezas para as mãos dos exportadores. “[...] fazendeiros engolindo os pequenos lavradores e sendo engolidos pelos exportadores” (GUIMARÃES, 2006, p. 25).

Inicia-se a “crônica” da Cidade de São Jorge de Ilhéus com a chegada de Carlos Zude, exportador de cacau, e o seu reencontro com aquela terra já modernizada, o que não evita as suas reminiscências das coisas do passado: “as aulas substituídas pelas noites nos cabarés, as manhãs entre os cobertores e os braços das mulheres, as tardes nos cinemas, nos passeios, nos namoros bolinados. Tinha vinte e nove anos quando viera trabalhar na firma[...]” (AMADO, 1983, p. 18).

Jorge Amado ainda insere na trama outras novas personagens, como a esposa de Carlos Rude, Julieta, rica e sempre insatisfeita, o poeta Sérgio Moura e o corajoso e otimista Joaquim, militante de esquerda, com sua indelével consciência social e sempre lutando, cheio de otimismo, contra as adversidades impostas pelo sistema cruel do Capitalismo selvagem. O autor dá ainda continuidade à saga dos Badarós, através da forte figura de Don’Ana Badaró, filha de Sinhô Badaró, que nunca se acomoda, que rejeita qualquer ideia de fracasso e zela pela memória dos antepassados: “Aquele trabalho recordava a Don’Ana outros tempos, quando abriram clareiras nas matas do Sequeiro Grande e do Repartimento, quando os Badarós, seu pai e seu tio, trabalhavam para construir a maior fortuna de Ilhéus” (AMADO, 1983, p. 202).

Na visão de Maria Severina Batista Guimarães: “Além de ser objeto de arte, este livro constitui-se num retrato de realidade viva, rica e palpitante, uma obra a impor o seu lugar na história de um país, como patrimônio estético e histórico da nossa sociedade” (GUIMARÃES, 2006, p. 26).

### ***Gabriela, Cravo e Canela: crônica de uma cidade do interior***

Em meados dos anos 20, do Século XX, Gabriela, uma sergipana e retirante da seca, chega em busca de trabalho, à rica e próspera Ilhéus, cidade à beira-mar, com seus coronéis e suas famílias tradicionais, seus jagunços, beatas, comerciantes e prostitutas. A moça é encontrada no “Mercado de escravos”, pelo comerciante sírio Nacib, que está à procura de uma cozinheira e a contrata. Em meio a lutas pela disputa de terras e poder, a preconceitos, arcaísmos e modernizações de costumes, os dois se apaixonarão e viverão uma sensual e tórrida história de amor. Este é o tema central do romance *Gabriela, Cravo e Canela*, publicado em 1958. Com ele, após um hiato de mais de dez anos, Jorge Amado retomaria o tema do cacau.

*Gabriela, Cravo e Canela* foi o primeiro romance escrito por Jorge Amado após deixar o Partido comunista. É o seu livro com maior número de traduções, que chegam a mais de trinta idiomas. Com ele, o escritor ganharia os prêmios Machado de Assis e Jabuti, sendo, finalmente, eleito para a Academia Brasileira de Letras em 1961.

As duas principais vertentes da trama serão o amor de Gabriela e Nacib (campo amoroso da narrativa) e a chegada do progresso a Ilhéus (campo social e político da narrativa). Os dois amantes chegam até a se casar, fato que traz para Gabriela obrigações que não combinam com o espírito livre e natural da sertaneja. Com sua presença forte, ela impregnará a localidade com as cores, aromas e sabores das seus quitutes culinários, características que também exalam da sua pessoa. Mas percebemos, dentro do complexo enredo do romance, várias outras histórias secundárias, no entanto, marcantes, com suas apresentações, conflitos e desfechos.

O texto é mais uma das crônicas do período áureo do cacau, em que o autor expõe um quadro de costumes da época e de profundas alterações ocorridas nas engrenagens sociais daquela sociedade do Sul da Bahia, prestes a mergulhar numa renovação cultural, política e econômica. A figura de Gabriela, com a sua mistura racial, erotismo e percepção sensorial do mundo, traz novas nuances ao “Ciclo do Cacau”, sendo uma das mais fortes e marcantes personagens femininas de Jorge Amado, personificando as transformações de um sistema patriarcal, arcaico e autoritário. Aliás, outras personagens femininas ganham destaque na trama, como Dona Sinhazinha, a esposa submissa e infeliz de

coronel, que finalmente descobre o amor e ousa vivê-lo, apesar de tudo; a cafetina e forte Maria Machado; as moças de famílias tradicionais Gerusa e Malvina, que lutam por serem agentes do próprio desejo e Glorinha, a teúda e manteúda de coronel, que se apaixonou pelo professor Josué.

A narrativa, tendo como cenário a inebriante paisagem geográfica de Ilhéus, registra o declínio do poderio dos coronéis, como o temido líder político da região, Ramiro Bastos, a abertura dos portos aos grandes navios e a ascensão dos exportadores, como o carioca Mundinho Falcão, tipo que caracteriza a oposição aos atrasos do passado: “Os coronéis não enxergam um palmo adiante do nariz. Para eles, é plantar e colher cacau. O resto não interessa. Elegem uns idiotas para a Câmara, votam em quem Ramiro Bastos ordena [...] Como se Ilhéus houvesse parado há vinte anos” (AMADO, 1999, p. 74). A visão de Mundinho Falcão é a do futuro: “[...] como sou exportador e não fazendeiro, creio que meus pés ficaram presos foi na lama das ruas. Deu-me vontade de ficar para construir alguma coisa” (p. 71). O próprio Nacib, dono do bar Vesúvio, que não se mete em política para não ter que tomar posição em nenhum dos partidos e, assim, não perder freguesia em nenhum dos lados, reconhece as mudanças que chegaram com o jovem exportador: “Os outros chegavam modestamente, curvavam-se, logo à autoridade dos Bastos, queriam apenas ganhar dinheiro, estabelecer-se, entrar pelas matas. Não se metiam a cuidar do progresso da cidade e da região, a decidir sobre as necessidades de Ilhéus” (p. 66-67).

Jorge Amado descreve as ruas da cidadezinha à beira-mar, de pracinha ajardinada, aonde, “nos dias de sol”, vinha sentar-se o coronel Ramiro Bastos, com as moças bonitas à janela, o vaivém dos habitantes simples, das beatas e das solteironas indo à missa e organizando as procissões que ganhavam as vielas, com “o rico andor bordado de ouro”, sobre os ombros dos cidadãos notáveis, os ricos fazendeiros, trafegando pelas estradas lamacentas, antes da chegada de Mundinho Falcão, por onde passavam também outrora as tropas de burro, conduzindo o cacau para os armazéns e depois, as ruas limpas e calçadas, com os bem vestidos exportadores, e os navios indo e chegando, as noites do Bataclã e as longas conversas no Vesúvio. De acordo com M. Cavalcanti Proença “[...] então é a

cidade, personagem importantíssima, que vem cortar o fio do romance das pessoas. Mostrada em mosaicos, desenhada com pedaços de vidas obscuras, através das quais o romancista fixa costumes, configura o ambiente social.” (MARTINS, 1961, p. 257) Assim, depois de Gabriela, a outra grande e sedutora personagem é a própria Ilhéus, no auge da prosperidade do cacau.

Finalmente, são vitoriosas as ações de modernidade desenvolvidas por Mundi-nho, com a vitória política do seu candidato, mesmo após ter toda a tiragem do seu jornal criminosamente queimada. A cidade, agora, progride e assiste ao fim da impunidade dos chamados “crimes de honra”, quando o coronel Jesuíno Mendonça, marido de Dona Sinhazinha, que matou a esposa e o amante, sendo no início apoiado pelo poder dos coronéis, é julgado e condenado. Há também o desfecho do caso amoroso Malvina-Josué e Glória-Rômulo. Nada fica impune na pena do escritor; nem as dores e tampouco os amores.

No entanto, mesmo com toda a crítica a essa sociedade local retrógrada, presa ao machismo, ao conformismo e à impunidade, a linguagem de Jorge Amado se transforma, se irradia ao falar de sua Gabriela, a retirante que impregnou toda a Ilhéus com o seu cheiro de cravo e o seu sabor de canela, por quem todos os “ilhéus” se apaixonaram: “Caído, o braço roliço, o rosto moreno sorrindo no sono, ali, adormecida na cadeira, parecia um quadro. Quantos anos teria? Corpo de mulher jovem, feições de menina” (AMADO, 1999, p. 131). A poesia embala as palavras do escritor, ao registrar as noites de amor e luxúria de Gabriela e Nacib, sob o “lunar de Gabriela”: “O perfume do cravo enchia o quarto, um calor vinha do corpo de Gabriela, envolveu Nacib, queimava-lhe a pele, o lunar morria na cama. Num sussurro, entre beijos, a voz de Gabriela agonizava: — Moço bonito” (AMADO, 1999, p. 150).

Os amantes se casam, mas a moça não se adapta à vida de “Senhora Saad”, para tristeza do árabe. Meses depois da anulação do casamento, eles reiniciarão o tórrido relacionamento que, tendo esfriado com a oficialização do matrimônio, voltará a ser intenso e ardente, tendo-os agora na condição de amantes. Em texto escrito em 1959, intitulado “Gabriela ou o crepúsculo dos coronéis”, Alceu Amoroso Lima escreveria:

A história da evolução social de Ilhéus, no romance, é inseparável da história da evolução de Gabriela. Esta chega como retirante, é levada a amante, depois esposa de um imigrante próspero e volta depois à condição de amante do mesmo, na qual encontra a sua felicidade de filha do povo e da natureza, impaciente com sapatos apertados ou com laços conjugais. (MARTINS, 1961, p. 246)

Essa trama do romance, tão cheia de sensações e sentidos, carregada em luz e nas cores dos trópicos, sairá do universo literário, alcançando as outras artes, ao tornar-se, nas décadas seguintes, filme, telenovela, quadrinhos e canções. “Sempre Gabriela...”

### ***Tocaia grande: a face obscura***

Publicado em 1984, o romance intitulado *Tocaia grande* retomará, décadas depois, à temática da conquista da terra na região cacauceira da Bahia, interrompida desde *Gabriela, Cravo e Canela*, de 1958. Publicado em Portugal, ganhou traduções para dezesseis idiomas. O romance tem raiz na própria infância de Jorge Amado, quando o pai do escritor sofreu uma tocaia durante disputa de terras naquela região, e demoraria dois anos para ser concluído.

A trama tem lugar num povoado fictício, chamado Tocaia Grande, no início do Século XX. Com o progresso trazido pela atividade econômica cacauceira, o lugar evolui e passa à categoria de cidade, recebendo o nome de Irisópolis. Jorge Amado se justificaria pela demora na conclusão da obra, que demoraria mais de dois anos: “é que desta vez, não estou só escrevendo um romance; estou construindo uma cidade”.

A personagem central da história é o jagunço Natário da Fonseca que, após liderar uma tocaia encomendada por seu patrão, o coronel Boaventura, recebe como pagamento alguns alqueires de terra, próximos ao povoado de Tocaia Grande. Tempos mais tarde, Natário da Fonseca compra no Rio de Janeiro a patente de capitão e impõe a sua autoridade ao mesmo tempo em que amplia os seus domínios territoriais, até transformar, sob o signo da violência, o que antes fora um lugarejo, um lugar de pernoite, na pequena Cidade de Irisópolis, palco da trama da obra. Nela, desfilarão personagens como Bernarda,

afilhada e amante do ex-jagunço, que tem nele, segundo uma cigana, o amor de sua vida; o bacharel Venturinha; a cafetina e, depois, parteira Jacinta Coroca, com suas mulheres-damas, deleites dos tropeiros que fazem de Tocaia Grande um lugar de pernoite para suas idas e vindas; o negro Castor Abduim (Tição); a feiticeira Epifânia e o comerciante libanês Fadul Abdala, que abre um pequeno comércio no lugar, para vender cachaça, rapadura e farinha. Mais uma vez, através da crônica das cidades do interior de sua querida Bahia, o escritor nos transporta para o universo dos jagunços e coronéis, nas terras dos frutos cor de ouro, com suas nuances de religiosidade e misticismo, das esposas submissas e das mulheres-damas.

Aos poucos, o lugar cresce, modernizando-se e emancipando-se, contudo sem perder certos resquícios, como a truculenta disputa de terra, pelo sangue derramado e a desigualdade social. Tocaia Grande e, depois, Irisópolis, enfrentando enchentes, doenças, tocaias e explorações, nos será apresentada na crônica de Jorge Amado, pela palavras dura, sensual e expressiva de seus homens e mulheres e poderia, segundo Mía Couto: “ser um lugar inventado em Moçambique, com suas intrigas de poderes provincianos, seus jagunços, coronéis e prostitutas, sobretudo porque Tocaia Grande não é lugar que caiba em nenhum mapa: é um território em construção” (AMADO, 2008, p. 471).

São narrados diversos incidentes, como o assalto à bodega do turco Fadul, a enchente que quase dizimou a localidade, quando morreram Ção e o representante de exportação de cacau, Cicero e a peste negra que se abateu sobre a população e matou nove moradores, provocando um verdadeiro êxodo na região. Mas Jorge Amado também registra os momentos de alegria, no cotidiano daquela gente, como as festas de reisado, promovidas pela estancieira Leocádia, quando se formavam os pares românticos de namorados e amasiados. Em Tocaia Grande, não havia igreja, padre ou cartório. As coisas simplesmente aconteciam, de acordo com as conveniências e necessidades, sem tabus ou moralidades. Assim, quem se gostava, amasiava-se. Dessa maneira, será até a chegada da Santa Missão, com seus dois freis, casando essas pessoas conforme a lei de Deus e batizando os pagãos.” Para o capitão Natário da Fonseca, Tocaia Grande era o paraíso; para

o frei Zygmund, um valhacouto de bandidos, reino da luxúria, danação de Satanás” (AMADO, 1984).

A narrativa, conforme palavras do autor, se dá de “déu em déu”, sem preocupação de linearidade, até o momento da Grande Tocaia, tramada e realizada pelos jagunços ambiciosos, oriundos de diversas localidades, que invadem o lugar e trucidam a maioria da população. Sobre a trama, afirma ainda Mia Couto, no posfácio da edição de 2008: “Neste romance, Jorge Amado confirma que as cidades que nos seduzem não são da ordem da geografia, mas da invenção de cidadãos, convertidos em fabulosos personagens” (AMADO, 2008, p. 471).

### Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo fazer uma leitura possível dos romances de Jorge Amado que compuseram o “Ciclo do Cacau”, essa fase épica de sua obra na qual o escritor registrou uma espécie de “corrida do ouro” ocorrida nos primeiros anos do Século XX, no Sul da Bahia, região de seu nascimento, na qual viveu parte de sua infância e juventude, quando emergiu a tomada de consciência social que mudaria para sempre a sua existência, como cidadão e moldaria a sua face de artista.

Temática iniciada com o tímido romance de juventude, *Cacau*, a violenta história da luta pela conquista de terras e poder dos coronéis, através da exploração do proletariado rural, e que atingiria o seu apogeu de amadurecimento literário e de questionamentos com *Terras do Sem Fim*, saga épica que teria continuação em *São Jorge de Ilhéus*, quando o escritor já registrava a mudança do poder das mãos dos fazendeiros para as dos exportadores de cacau. Em *Gabriela*, teremos uma cidade de Ilhéus já tomada pela urbanização e pelo progresso, trazidos pela riqueza dos frutos cor de ouro, cenário à beira-mar do amor da protagonista homônima e do árabe Nacib. *Tocaia Grande: a face obscura*, publicado em 1984, retomaria essa epopeia, 50 anos depois do lançamento de *Cacau*, seu primeiro romance proletário.

Localidades de sua terra natal, a Bahia, como Ilhéus, Itabuna, Piranji, Itajuípe e Ferradas, passaram a ser conhecidas em 55 países, através de 49 idiomas, nas palavras

desse baiano, brasileiro e universal “escritor do povo”, que é hoje o nosso representante das letras de maior projeção internacional. Nesses cenários marcantes e míticos, contracenam personagens por vezes rudes ou carregadas de doçura, gananciosas ou idealistas, submissas ou donas do próprio prazer, mas sempre inesquecíveis, registradas em crônicas que reproduzem o cotidiano e o discurso da gente grapiúna. Foi disso que se procurou tratar no presente estudo.

No entanto, esse artigo termina com uma proposta à gente brasileira, no momento em que se comemoram os 100 anos de nascimento de Jorge Amado, 70 deles dedicados à Literatura, a arte da palavra: ler ou reler Jorge Amado, tomar posse, pela leitura, desse universo mítico, da sua “leitura do mundo”, das suas ideias de Brasil e de povo brasileiro, das suas propostas de luta por justiça e dignidade, ainda hoje tão atuais.

#### JORGE AMADO'S NOVEL: CHRONICLES OF THE ENDLESS LAND

##### ABSTRACT:

This article is intended as an analysis of some novels of Jorge Amado, while that chronicles a time, the people and customs of a transformation in Bahia, composed an important phase of the work of this writer, known as “The Cycle of cocoa.” So titles like *Cacau*, *Terras do sem fim*, *São Jorge de Ilhéus*, *Gabriela*, *Cravo e Canela*, and *Tocaia Grande* transport us with poetry, blood and seduction by history and geography of Southern Bahia, the busy life of the seaside town of islanders and its surroundings during the first decades of the twentieth century, when there was developing economic activity and fizzy fruit color of gold amid the greed and power of the colonels and their hired thugs, the fight for possession, and land use and the man himself, through ambushes and submission stories, love, fight and belief in dignity.

**KEYWORDS:** Bahia; Cocoa; Chronicles; People; Land.

##### REFERÊNCIAS:

AMADO, Jorge. *Cacau*. São Paulo: livraria Martins editora, 1966.

AMADO, Jorge. *O país do carnaval*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1966.

AMADO, Jorge. *Terras do sem fim*. Rio de Janeiro: Record, 1977.

AMADO, Jorge. *São Jorge de Ilhéus*. Rio de Janeiro: Record, 1983.

AMADO, Jorge. *Tocaia Grande: a face obscura*. Rio de Janeiro: Record, 1984.

AMADO, Jorge. *Gabriela Cravo e Canela: crônica de uma cidade do interior*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

AMADO, Jorge. É preciso viver ardentemente. Entrevista concedida a Antônio Roberto Espinosa. In: GOMES, Álvaro Cardoso. *Literatura Comentada*. São Paulo: Abril Educação, 1981. p. 06.

CÂNDIDO, Antônio. Poesia, documento e história. In: MARTINS, José de Barros (org.) *Jorge Amado: 30 anos de literatura*. São Paulo: 1961.p. 163.

COUTO, Mia. Posfácio. In: AMADO, Jorge. *Tocaia Grande: a face obscura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 471.

FREIRE, Gilberto. Dois livros. In: MARTINS, José de Barros (org.) *Jorge Amado: 30 anos de Literatura*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1961. p. 189.

GUIMARÃES, Maria Severina Batista. São Jorge Amado de Ilhéus. *Revista Eletrônica*, v. 1. Faculdade Montes Belos, Goiás: 2006. p. 24-28.

LIMA, Alceu Amoroso. Gabriela ou o crepúsculo dos coronéis. In: MARTINS, José de Barros (org.) *Jorge Amado: 30 anos de literatura*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1961. p. 246.

PAES, José Paulo. *Cadernos de literatura*. Nº 3, São Paulo: Vila Rica, 1997.

PROENÇA, M. Cavalcanti. Senhora Gabriela na cidade das letras. In: Martins, José de Barros (org.) *Jorge Amado: 30 anos de literatura*. São Paulo: Livraria Martins editora, 1961. p. 257.

RIBEIRO, Alves. Cacau. In: MARTINS, José de Barros (org.) *Jorge Amado: 30 anos de literatura*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1961.p. 71.

*Recebido em 30/08/2012.  
Aprovado em 11/07/2012.*